

RAQUEL DE QUEIROZ: REPRESENTAÇÃO DA ESCRITA NORDESTINA FEMININA.

RAQUEL DE QUEIROZ: REPRESENTATION OF THE NORTHEASTERN FEMININE WRITING.

Larissa Nascimento de Oliveira (UESPI)¹
Alinne Souza Andrade (UESPI)²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo fazer a análise do livro “*O quinze (1930)*” da escritora Rachel de Queiroz, produzindo uma reflexão sobre a questão de gênero no campo literário. Evidenciando principalmente a forma da escrita inovadora da autora, assim como a grande preocupação durante a construção de suas personagens femininas, com destaque para este estudo a personagem Conceição. Os resultados demonstraram que a partir de *O quinze* foi inaugurado um novo fazer literário verdadeiramente feminino. Para tal, utilizou-se de análises feitas com consultas em dados bibliográficas fundamentadas principalmente nas ideias de Heloísa Buarque de Hollanda, Barroso (2008), Candido (2000), Vasconcelos (2008).

PALAVRAS-CHAVES: Gênero. Literatura Feminina. Literatura Nordestina. Rachel de Queiroz.

ABSTRACT: *The main objective of this article is analyzet he book “O Quinze (1930)” of the writer Rachel de Queiroz, producing a reflection of gender issue in the literary field. Evidencing mainly way of the innovative of writing of the author, so as the great preoccupation during the construction of her female characters, highlighting for the study the character Conceição. The results demonstrated that from the O quinze it was inaugurated a new making truly feminine literary. For this, we used analyzes made with bibliographical data based mainly on the ideas of Heloísa Buarque de Hollanda, Barroso (2008), Candido (2000), Vasconcelos (2008).*

KEYWORDS: *Genre. Women's literature. Northeastern literature. Rachel de Queiroz.*

¹ Acadêmica do Curso Letras Português na instituição Universidade Estadual do Piauí Campus Alexandre Alves de Oliveira. E-mail: lari-oliveira1@hotmail.com

² Acadêmica do Curso Letras Português na instituição Universidade Estadual do Piauí Campus Alexandre Alves de Oliveira. E-mail: a-linneig@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O grande interesse em estudar a diversidade do mundo feminino vem crescendo atualmente, vários estudos e pesquisas tem se multiplicado para demonstrar principalmente a importância da escrita feminina. A representação feminina na literatura já dispõe de grandes conquistas. Desde o seu princípio a formação literária brasileira não foi construída com a participação efetiva de grandes nomes de escritoras e principalmente se fossem nordestinas. Como área do conhecimento que reflete a história, a literatura em seu princípio representou a mulher subordinada aos homens.

Coelho (2002) afirma que na década de 30, á medida que o movimento pela emancipação da mulher avançava na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil eram fracas suas repercussões. “A literatura estava destinada a desempenhar um papel decisivo na denúncia daquele descompasso e daquela barreira” (COELHO, 2002, p. 246).

È neste contexto que surge Rachel de Queiroz sendo reconhecida como uma das percussoras do movimento, com a publicação do *O quinze*, a escritora demonstra a sua intensa preocupação com a valorização do regionalismo, utiliza-se também de uma linguagem com fortes marcas de oralidade nordestinas e ainda demonstra seu grande diferencial como escritora: o modo especial para a construção de suas personagens femininas, dando destaque para este estudo á Conceição. Todavia, esta obra mantém-se sendo pouco explorada pelos estudos de gênero.

Diante do exposto, o presente artigo objetiva analisar o livro: *O quinze* de Raquel de Queiroz, refletindo quanto às particularidades de como a identidade literária feminina foi construída e representada pelas personagens femininas queirozianas, mostrando os caminhos percorridos para hoje a escritora de naturalidade nordestina ter alcançado um lugar de destaque na literatura brasileira.

Com apoio em análises e pesquisas bibliográficas de estudiosos do assunto, desejou-se comprovar que a literatura contribuiu para as mais diversas conquistas

sociais das mulheres, ao apresentar em muitas obras personagens femininas que revelam, seja no seu caráter e em ações a busca pela igualdade de gêneros.

2 A QUESTÃO DE GÊNERO NA LITERATURA

Ao observar com muita atenção as livrarias percebe-se a disposição dos livros e despertar-se uma dúvida, por que há tantos escritores homens em relação às escritoras mulheres? E por que o espanto quando encontramos obras ditas como ótimas pela crítica literária sendo de autoria totalmente feminina?

A literatura, por refletir e representar os acontecimentos da sociedade ocupa um lugar no qual essas relações entre os gêneros são bem representadas e melhores visualizadas. A origem desta desigualdade é um fenômeno histórico, visto que a oportunidade de alfabetização e o acesso à literatura eram praticamente inexistentes para as mulheres há alguns séculos atrás, fatos que tornaram esta grande disparidade entre os sexos no cenário literário. Estas diferenças entre gêneros afirmam-se no trecho abaixo:

O mundo sempre pertenceu aos machos [...] Já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la em opressão. Compreende-se, pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. (BEAUVOIR, 2009, p.99)

Destaca-se uma sujeição da mulher ao marido, sociedade e religião, pois estes detinham o poder e controlavam o meio social. Todavia, as evoluções históricas foram grandes em vários campos, para assim conseguir definir a posição de um gênero muito discriminado na sociedade. Embora a literatura sobre tais feitos seja considerada ainda tímida alguns estudiosos e teóricos das mais variadas áreas do conhecimento hoje navegam com mais segurança no aprofundamento das questões sobre a mulher.

O trajeto percorrido por elas durante toda a história da humanidade fez-se de forma inferior e tem demonstrado pequenas, mas significativas mudanças. As relações homem-mulher foram alteradas e, conseqüentemente, alterou-se o sistema familiar: de dona-de-casa, esposa e mãe, a mulher passou a ser chefe de família, empresária, escritora e assumindo as mais diversas funções, inclusive aquelas que antes eram de domínio exclusivamente masculino.

A situação da mulher no Brasil vem de ordem patriarcal, submetida ao pai e ao marido, que a silenciava das mais diversas formas. Com esta relação de submissão, a mulher era reduzida à condição de um ser delicado dotada de “pouca inteligência”, instruída apenas para ser mãe e dona de casa. A transição de dependência à emancipação pode ser percebida na história e comprovada na literatura brasileira, a qual demonstrou as etapas, os desafios e sacrifícios pelos quais a mulher passou até chegar à situação em que hoje se encontra, distante do ideal, entretanto mais independente.

Revisando a História do Brasil, vê-se que, a partir da Semana da Arte Moderna, as mulheres passaram a participar mais ativamente da cultura e política brasileira. As lutas começaram a demonstrar resultados importantes somente em 1934, com a apresentação de uma nova Constituição, no governo de Getúlio Vargas, é que a mulher adquiriu o direito ao voto, uma grande vitória para as mulheres que sofriam essa marginalização. A escritora Raquel descreveu tais conquistas como:

Um dos fatos sociais mais importantes é a saída da mulher do seu casulo doméstico e a sua entrada, quase em massa, nas profissões e atividades antes reservadas ao homem. (QUEIROZ, 2002)

Fez-se necessário considerar a questão da mulher sob uma visão histórica, entretanto, o objeto deste artigo é traçar um paralelo com a literatura de autoria feminina. Sendo assim, a mulher evoluiu no decorrer do tempo histórico e na literatura ocupando uma posição de destaque no campo literário, não de forma apenas quantitativa, mas principalmente qualitativamente.

A escrita de autoria feminina passa a ter como característica marcante a preocupação em expor os pensamentos e vontades de suas personagens, com a apresentação dos problemas e situações sociais que as afetam. Na literatura, temos como grande destaque a escritora Rachel de Queiroz, como cita Heloísa Buarque de Hollanda:

Foi a única escritora mulher aceita como representante do movimento modernista. Foi uma das primeiras mulheres a se propor, com sucesso, uma vida independente e livre. Foi uma mulher que escolheu e determinou seu destino afetivo, existencial, literário, profissional, político. Foi uma mulher que viveu de e para o ofício de escrever (HOLLANDA, 2004, p. 297).

3 RACHEL DE QUEIROZ COMO A GRANDE REPRESENTANTE FEMININA NORDESTINA NA LITERATURA- O QUINZE

Nordestina cearense nasceu em Fortaleza, em 17 de novembro de 1910, filha de Daniel de Queiroz e de Clotilde Franklin de Queiroz, descende pelo lado materno dos Alencar e pelo lado paterno dos Queiroz. Rachel não inicia sua carreira como romancista, mas como escritora do jornal O Ceará, em 1927, publicando trabalhos usando o pseudônimo Rita de Queirós. Em fins de 1930, publicou o romance *O Quinze*, que teve repercussão no Rio de Janeiro e São Paulo, o qual futuramente lhe garantiu o prêmio da fundação Graça Aranha.

Na década de 30, publicou os romances *João Miguel* (1932), *Caminho de Pedras* (1937) e *As três Marias* (1939). Dedicou-se à publicação de crônicas e a duas peças teatrais, *Lampião* (1953) e *A Beata Maria do Egito* (1958), só retomando a escrita romanesca com *Dôra*, *Doralina*, em 1975, e com a edição de *Memorial de Maria Moura*, em 1992. Os textos da autora sempre foram focados na questão feminina e nas raízes nordestinas, permeadas pelas memórias.

É considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX. Em 1977 foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras ocupando um posto bastante cobiçado por muitas mulheres. Quinta ocupante da

Cadeira 5, eleita em 4 de agosto de 1977, na sucessão de Candido Motta Filho e recebida pelo Acadêmico Adonias Filho em 4 de novembro de 1977.

Começando a carreira literária muito jovem e com uma escrita inovadora para sua época, já mostra desde o seu início o assunto que seria a marca de sua produção literária: a mulher queiroziana. Raquel apresenta-se como uma mulher de destaque na literatura e política brasileira, tendo sido a única mulher escritora reconhecida pelo Movimento Modernista por ocupar espaços destinados pelo sexo masculino, embora se declarasse antifeminista.

Com *O quinze*, romance que trás como tema principal a descrição de uma severa seca acontecida no ano de 1915, vivida pela escritora e sua família. O primeiro romance da escritora nordestina trazia algo de muito novo para o momento, um livro de autoria unicamente feminina, que se construiu sob a visão de uma mulher forte e independente, a autora retratou o seu sertão com um olhar feminino, utilizando-se da literatura para trazer sua condição feminina como característica específica.

Alguns anos após a publicação do livro grandes autores conceberam críticas relacionadas ao tema escolhido pela escritora. Mário de Andrade publicou no *Diário Nacional*, um artigo:

Rachel de Queiroz com *O quinze* nos dá um modo novo de conceber a ficção sobre a seca, e esse modo novo me é especialmente grato porque na espera dele eu me vim do Nordeste no ano passado. [...] Mas depois que apalpei o Nordeste e uma apenas pequena e passageira seca, sem mortes nem misérias terríveis como conseqüência, mas com toda a sua ferocidade assustadora, o que me irritou um bocado foi os autores terem feito literatura sobre a seca. Isso me pareceu e continua parecendo... desumano. [...] Quase existe dentro de nós uma razão importantíssima e jamais expressa: Deixem a seca como está porque se o problema dela for resolvido, o brasileiro perde a mais bonita razão pros seus lamentos e digressões caritativas. [...] E a moça vir saindo com um livro humano, uma seca de verdade, sem exagero, sem sonoridade, uma seca, pura, detestável, medonha, em que o fantasma da morte e das maiores desgraças não voa mais que sobre a São Paulo dos desocupados. Rachel de Queiroz eleva a seca às suas proporções exatas. Nem mais, nem menos. É horroroso mas não é Miguel Anjo. É medonho mas não é Dante. É a seca. (ANDRADE, 1976, p. 251/2)

Manifestaram-se também críticas sobre a autoria do livro, Graciliano Ramos comentou:

O quinze caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o livro de José Américo, por ser de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: não há ninguém com este nome... pilhéria. Uma garota fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado (RAMOS, 1989, p. 133).

O surgimento de críticas originaram-se pelo fato do assunto principal do livro ser considerado uma novidade para a época, expressando a realidade, os anseios e angústias da população de uma região.

Na obra encontramos uma narrativa marcada pela representação da mulher sertaneja como uma heroína. A escritora em sua prosa regionalista descreve os fatos com uma linguagem leve e viva, própria do nordeste, trazendo temas da realidade cearense, tais como: a seca, a política arcaica das oligarquias, o misticismo, o cangaço etc.

A estruturação dos diálogos também é uma característica própria da obra de Rachel de Queiroz, na qual reproduz a voz dos personagens de uma forma natural, aproximando-se da realidade.

Foram limitados os nomes de escritoras com tanta importância no contexto político e literário brasileiro do século XX. Neste cenário Rachel de Queiroz apresentou-se com sucesso a grandeza e qualidade de suas obras, aliadas à trajetória da sua vida. Resumindo sua carreira, a autora afirma:

Eu sou uma pessoa muito humilde. Eu não faço grande uso de mim mesma, e, portanto, da minha chamada “obra”. Mas numa coisa eu posso lhe garantir que estou tranqüila: percorra todo o meu trabalho, desde a adolescência, quando comecei a trabalhar em jornal e você nunca encontrará uma só palavra contra a liberdade, contra os direitos humanos, contra a igualdade racial. Quer dizer, minha folha de serviço não é brilhante, mas é limpa (QUEIROZ, 1997, p. 36).

Contudo, Rachel de Queiroz não foi só um nome famoso, verificando suas produções literárias sob o aspecto de gênero, percebemos que a autora também foi

uma das poucas escritoras a ser prestigiada pela crítica literária de seu tempo, e uma das primeiras a começar um projeto de construção de personagens femininas complexas, autênticas, com atitudes novas para a época, contrariando o que a literatura romântica havia criado como modelo a ser seguido.

4 CONCEIÇÃO

Em *O Quinze* e com a personagem Conceição inaugura-se o diferencial da autora Raquel de Queiroz, revelando de forma singular a sua preocupação durante a elaboração de suas personagens femininas. É por essa razão que a escritora Maria Alice Barroso afirma em sua obra: “É com Rachel de Queiroz na prosa da ficção, que a fala da mulher ingressou no campo social, abandonando os salões de chá para narrar à áspera tragédia da seca nordestina” (BARROSO, 2008, p. 46).

É Conceição a primeira de uma sucessão, que apontará este projeto literário de demonstrar o papel da mulher, não só do Ceará, mas de todo nordeste. Logo no início da obra, a escritora nos apresenta uma breve descrição da personagem:

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona (QUEIROZ, 1992, p.2).

A jovem Conceição é caracterizada como uma mulher muito simples, durante sua trajetória não é retratada nenhuma preocupação com a beleza ou toque de vaidade, quebrando o estereótipo da mulher nordestina de sua época, evidenciando uma das primeiras particularidades da personagem. A sua formação, profissão e gosto pela leitura confirmam a identidade da protagonista estas características a possibilita fazer escolhas distintas para uma moça solteira.

Os livros para Conceição são seus maiores companheiros, principalmente leituras feministas e comunistas. Raquel representa a personagem com atitudes de uma mulher que quer conquistar sua independência e não ser destinada somente ao

casamento e afazeres domésticos, reproduzindo mais uma inovação de postura feminina para o seu tempo. Destaca-se o trecho:

- Isso não é romance, Mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo... - De que trata? Você sabe que eu não entendo francês... Conceição, ante aquela ouvinte inesperada, tentou fazer uma síntese do tema da obra, procurando ingenuamente encaminhar a avó para suas tais idéias: - Trata da *questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternos, do problema...* (QUEIROZ, 1992, p.2, grifo nosso).

É interessante ressaltar o recurso do qual a autora utilizou-se no discurso da personagem, ocasionando a quebra de expectativa do leitor, pois as frágeis e submissas mulheres que vinham na literatura darão lugar à dominadora Conceição.

As preferências, conduta e inteligência que isola Conceição das outras mulheres nordestinas é a mesma que a afasta de Vicente, seu primo, por quem é apaixonada.

A moça também é uma pessoa caridosa que em seu tempo livre tenta ajudar os retirantes, atuando nos campos de concentração onde era voluntária doando a sua pouca economia para isso. Elódia Xavier destaca que Conceição é uma “figura feminina dividida entre a problemática dos retirantes e seus conflitos interiores” (XAVIER, 1998, p. 35).

Ao reencontrar seu afilhado, a professora fica preocupada com a fragilidade de sua saúde, Conceição se propõe a adotá-lo. A maternidade surge para a personagem de forma social, ela é fruto de sua preocupação com o outro.

Rachel de Queiroz deu total liberdade à Conceição para escolher seu próprio destino. Sendo uma mulher instruída e até superior intelectualmente ao seu amado, o final romântico entre Vicente e Conceição não acontece, rompendo também mais um estereótipo feminino instalado. Ela pode ser vista como uma personagem feminina fora de uma família tradicional, ao optar por criar o afilhado sem a companhia de um marido.

Na obra encontramos também, outros perfis de mulheres diferentes de Conceição. Dona Inácia, é um exemplo, avó da jovem moça, uma senhora dotada

de um conservadorismo ao extremo e que preservava todos os costumes tradicionais, vivia á aconselhar a neta á casar-se, construir família e deixar os livros. Ainda assim, a personagem permaneceu com sua postura independente.

5 CONCLUSÃO

A partir da reflexão levantada sobre a questão de gênero na literatura, foi possível demonstrar a evolução da mulher e as contribuições da escritora Raquel de Queiroz para independência da escrita feminina.

A literatura regionalista da escritora contribuiu para a compreensão da história social da mulher brasileira, representando a sua visão de mundo feminina de uma sociedade dominada pelos valores e tradições patriarcais.

Podemos assegurar que Rachel de Queiroz foi e continua sendo um grande nome da literatura brasileira, bem como, suas obras continuam ocupando grande destaque. A escritora viveu para a arte de escrever, Hollanda a descreve em sua obra:

Foi a única escritora mulher aceita como representante do movimento modernista. Foi uma das primeiras mulheres a se propor, com sucesso, uma vida independente e livre. Foi uma mulher que escolheu e determinou seu destino afetivo, existencial, literário, profissional, político. Foi uma mulher que viveu de e para o ofício de escrever (HOLLANDA, 2004, p. 297).

Afirmamos que a partir da publicação de *O quinze*, inaugurou-se um novo fazer literário para a época e espaço, de forma significativa a ponto de alterar o cânone literário. Raquel apresentou a realidade brasileira nordestina sob a visão de uma mulher. A escritora merece destaque por dar vida a personagens femininas fortes, emancipadas e que evoluem, a começar por Conceição e seguir seu projeto com os livros sucessores.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Raquel de Queiroz- Biografia**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>>. Acesso em: 28 de maio. 2017.

ANDRADE, Mário de. **Táxi e Crônicas no Diário Nacional**. Estabelecimento de texto, introdução e notas: Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BARROSO, Maria Alice. **A mulher na literatura brasileira**. In Seminário de Literatura Brasileira – ensaios. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

BEAVOUIR, Simone. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

FRANCESCHI, Antonio Fernando De (coord). **Caderno de Literatura Brasileira – Rachel de Queiroz**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **As Melhores Crônicas de Rachel de Queiroz**. São Paulo: Global, 2004.

OLIVEIRA, M. E.; FREIRE M.; CHAVES. S. W. F. Raquel de Queiroz: uma mulher á frente do seu tempo. **Pontos de Interrogação- Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural Universidade do Estado da Bahia, Campus II**, Alagoinhas, v.2, n.1, 2012. Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/1523811/rachel-de-queiroz--uma-mulher-%C3%A0-frente-do-seu-tempo/>>. Acesso em: 28 de maio. 2017.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 49. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1992.

QUEIROZ, Raquel. Ser "alguém". **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/artigos/ser-alguem/>>. Acesso em: 31 de maio. 2017.

RAMOS, Graciliano. **Linhas Tortas**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado**: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.